

ANO XXXI Nº04 ABRIL 2014

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares



VI aniversário de Chiara

**Nas raízes
do diálogo
interreligioso**

**Um convite
da Emmaus**

**Voltar a dar
vida à família**

**Encontros
para jovens**

**A fé, uma contínua
novidade**

Em diálogo a 360 graus

A primeira forte experiência que fizemos foi em contacto com os Bangwa - uma tribo com raízes na religião tradicional, que estava quase extinta por causa da grande mortalidade infantil, - que estávamos a começar a acompanhar. Um dia o chefe da tribo, o Fon, e os milhares de membros do seu povo, reuniram-se para uma festa numa grande planície no meio da floresta [...]. Foi nesta ocasião que tive a forte impressão de que Deus, como um sol imenso, nos abraçasse a todos, a nós e a eles, com o seu amor [...]. Intuí que teríamos algo a ver também com as pessoas de tradições não cristãs.

Londres 1977, evento de «fundação».

Mas o evento que, de certa maneira, «fundou» este nosso diálogo, aconteceu em Londres, em 1977, numa cerimónia para a entrega do Prémio Templeton pelo Progresso da Religião. Eu tinha feito um discurso e, quando estava a sair da sala, as primeiras pessoas que me vieram cumprimentar foram hebreus, muçulmanos, budistas, sikhs, hindus... Tinham ficado impressionados com o espírito cristão de que eu tinha falado. Para mim ficou claro que nos deveríamos ocupar não só da nossa Igreja e das outras Igrejas, mas também destes irmãos e irmãs de outras religiões. Foi assim que começou o nosso diálogo inter-religioso.

Com os budistas

Dois anos depois, de facto, deu-se o encontro com uma grande personalidade budista, o Reverendo NikkyoNiwano, fundador da RisshoKosei-kai, que me convidou para ir a Tóquio, para falar da minha experiência espiritual a 10 mil budistas. Desde então, entre os focolarinos e os seguidores da RisshoKosei-kai nasceu uma gran-



Caux, 29 de julho de 2003

No dia 29 de julho de 2003, Chiara foi convidada para um Seminário do Centro «Iniciativa e Mudança»¹, em Caux, na Suíça. No seu discurso, descreveu o caminho da Obra no contacto com os feis das GrandesReligiões. É uma história apaixonante, que desejamos percorrer com ela, no VI aniversário da sua passagem para o Céu, em que a recordamos precisamente neste aspeto: «Chiara e as religiões».

Transcrevemos um trecho² desse discurso.

1 Ver *Mariápolis* n. 9/2003

2 De *A doutrina espiritual*. Chiara Lubich, Editora Cidade Nova, Brasil

de fraternidade, em todas as partes do mundo onde se encontram.

Mas os encontros mais surpreendentes com o budismo foram com alguns importantes representantes do monaquismo tailandês. Durante uma longa permanência deles na nossa Cidadela internacional de Loppiano, na Itália, - onde os seus 800 habitantes procuram viver com fidelidade o Evangelho - dois deles ficaram profundamente tocados pela unidade que existia entre todos e pelo amor cristão, que não conheciam.

Deste modo, desapareceram os preconceitos que impediam um verdadeiro diálogo entre eles, budistas, e nós, cristãos. Estes monges, ao regressarem à Tailândia, não perderam a ocasião de contar, a milhares de fiéis e centenas de monges, a própria experiência de encontro com o Movimento dos Focolares. Assim nasceu, pode-se dizer, um Movimento budista-focolarino, isto é, budista-cristão, que é um dos fragmentos de fraternidade que estamos a construir no mundo. A seguir, fui convidada para ir à Tailândia, a uma universidade budista e a um templo, para falar a monjas, a monges e a muitos leigos e leigas. Também aí o interesse foi notável, ao passo que nós sentimo-nos edificados por aquele desapego, pela ascética e por tudo o que os caracteriza.

Com os amigos muçulmanos

E o diálogo com o Islamismo? Atualmente existem 6.500 amigos muçulmanos que pertencem ao nosso Movimento, e o que nos une a eles é sempre a nossa espiritualidade, onde encontram incentivos e confirmações para uma adesão mais profunda e vital ao centro da espiritualidade islâmica. Tivemos vários encontros com amigos muçulmanos. O que os caracterizou foi a presença de Deus que se nota especialmente quando rezam, e isto dá muita esperança. Uma esperança que eu, pessoalmente, vi tornar-se realidade na

Mesquita de «Malcolm Shabazz» de Harlem (EUA), em 1997, diante de 3 mil muçulmanos afroamericanos, que me tinham convidado para apresentar a minha experiência cristã. O acolhimento que tive, a começar pelo seu líder, o imã W.D. Mohammed, foi tão caloroso, sincero e entusiasmado, que fez abrir o coração a promissores sonhos para o futuro. [...]

Com as irmãs e os irmãos hebreus

Não posso deixar de citar os encontros cada vez mais frequentes com irmãs e irmãos hebreus no Estado de Israel e em outros pontos. O último que tive foi em Buenos Aires, com uma das comunidades mais numerosas. Seguiu-se depois o de outros membros do Movimento, em várias ocasiões. Com grande comoção estabelecemos um pacto de amor recíproco, tão profundo e sentido, que tivemos a impressão de colmatar de imediato séculos de perseguição e de incompreensão.

Com os hindus

Nos últimos três anos, iniciou-se um diálogo promissor na Índia, também com os hindus. Temos relacionamentos fraternos e intensos com Movimentos gandhianos no sul desta imensa nação. Em Mumbai, nasceu um profundo diálogo com professores da Universidade Somaiya e do Instituto Cultural Indiano.

Mais recentemente teve início um relacionamento com um Movimento muito grande, Swadhyaya, que tem os mesmos objetivos de unidade na diversidade e de fraternidade.

Há um ano, também tivemos um primeiro simpósio hindu-cristão. A atmosfera que se criou foi tão forte e elevada que pudemos comunicar-lhes muitas verdades na nossa fé. A impressão que tivemos foi de que se está a abrir, diante de nós, um horizonte que não imaginávamos.

Há pouco meses, regressei da Índia e podemos continuar este diálogo sob o ponto de vista da espiritualidade que - segundo as autoridades da minha Igreja - «é o máximo,

entre as várias formas de diálogo e responde às mais profundas expectativas dos homens de boa vontade».³

Agora temos em programa outros simpósios semelhantes, budista-cristão e islâmico-cristão.

30 mil das principais Religiões

Devido à expansão universal do nosso Movimento, estamos em contato com todas as principais religiões do mundo. Cerca de 30 mil membros destas religiões partilham, dentro das suas possibilidades, a espiritualidade e os objetivos do Movimento.

O nosso diálogo inter-religioso teve esta evolução tão rápida e fecunda porque o elemento decisivo e característico foi a arte de amar, de que já falei.

[...] De facto, a nossa experiência ensina-nos que, se formos capazes de morrer a nós mesmos para «fazermos-nos um» com os outros, eles apercebem-se disto e querem saber mais.

Deste modo pode realizar-se aquele «anúncio respeitoso»⁴ em que, por lealdade a Deus e a nós mesmos, como também pela sinceridade para com o próximo, nós exprimimos os conteúdos da nossa fé em relação aos temas de que se está a falar naquele momento. E sem impor nada, sem nenhum proselitismo, mas apenas por amor. É nesse

3 Carta pessoal de D. M. Fitzgerald de 28.02.2003.

4 Cf João Paulo II. Carta apostólica Novo Millennio in eunte, 2001, n.56.

momento que, para nós cristãos, o diálogo converge no anúncio do Evangelho.

O desafio da fraternidade

O nosso trabalho com muitos irmãos e irmãs das grandes religiões e a fraternidade que experimentámos com eles fez-nos verificar que o pluralismo religioso da humanidade pode ir perdendo progressivamente a sua valência negativa, como origem de divisões e de guerras, para adquirir, na consciência de milhões de homens e mulheres, o aspecto de um desafio: reconstruir a unidade da família humana, porque em todas as religiões, de algum modo, está presente e ativo o Espírito Santo. Não apenas em cada um dos seus membros, individualmente, mas também em cada tradição religiosa.

Falando do maravilhoso evento de Assis, João Paulo II definiu-o como «manifestação admirável daquela unidade que nos une para além das diferenças e divisões».⁵

Vamos encher, então, o nosso coração de amor verdadeiro. Com este amor podemos esperar tudo em relação à unidade entre os fieis das grandes religiões e à fraternidade vivida por toda a humanidade.

Chiara

5 Cf Aos representantes reunidos em Assis, para a jornada mundial de oração pela paz, em Insegnamenti di Giovanni Paolo II, IX (1986) 2, Cidade do Vaticano 1986 pp.1252-1253.



Londres, 19 de junho de 2004.
Na Westminster Central Hall



VI aniversário de Chiara

Rumo à unidade da família humana

Este ano, por ocasião do dia 14 de março, a atenção é dirigida ao contributo do Movimento dos Focolares para o diálogo inter-religioso

Há alguns anos que, no dia 14 de março – para além das muitas celebrações que se realizam em todo o mundo – Chiara é lembrada segundo um dos aspetos particulares do Carisma da unidade.

Em 2011, foi o ecumenismo, com o congresso na sua cidade natal, intitulado «Chiara Lubich, uma vida, um carisma para a unidade dos cristãos». Em 2012, Chiara e os jovens, em Castel Gandolfo. Em 2013, Chiara e a cultura, com o encontro na Universidade Sapienza (Roma), «Chiara Lubich, carisma, história, cultura». Este ano será a vez de Chiara e as religiões.

«Chiara é de todos»: lembrámo-nos imediatamente desta expressão do monge budista Luce Ardente, neste ano em que se recorda também o 70º aniversário do Movimento.

Se pensarmos na amizade de Chiara com personalidades como W.D. Mohammed, muçulmano; com Nikkyo Niwano, budista; com Minoti Aram, hindu – só para citar alguns – encontramos-nos diante de um desígnio profético. Pessoas “grandes” que arriscaram enveredar por um caminho novo, aberto a uma fraternidade sincera, real, partilhada.

Chiara soube gerar estes relacionamen-

tos que se alargaram, envolvendo um número cada vez maior de fiéis das grandes religiões.

Até agora os encontros com os amigos das grandes religiões tinham acontecido, na maioria das vezes, de modo bilateral: cristãos e budistas, cristãos e muçulmanos, cristãos e hindus... Para esta ocasião estarão todos juntos. «Isto remete-nos a um episódio de 2004 – lembra a Christina Lee, co-responsável do Centro para o diálogo inter-religioso. Durante o primeiro simpósio com budistas, tinha-se criado um relacionamento tão extraordinário que o então presidente do Conselho Pontifício para o diálogo com as grandes Religiões, o arcebispo Michael Fitzgerald, que estava presente no encontro, tinha desejado que se pudessem realizar encontros não apenas bilaterais, mas que fossem envolvidos outros fiéis das grandes religiões. Este aniversário é a ocasião propícia para isto».

Será celebrado com um encontro inter-religioso, de segunda-feira, 17, a quinta, 20 de março, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo.

Nas fotos em cima, da esquerda para a direita: • Harlem, 18 de maio de 1997, com o imã W.D. Mohammed • Castel Gandolfo, abril de 2004, com o arcebispo M. Fitzgerald, durante o simpósio budista-cristão • Buenos Aires, 20 de abril de 1998, na B'nai B'rith com o Dr. Kopec durante o encontro com a comunidade hebraica.



Na tarde do último dia, na Aula Magna da Universidade Pontifícia Urbaniana, a partir das 17 horas, haverá um evento público, intitulado «Chiara e as religiões – Juntos, rumo à unidade da família humana». Chiara será lembrada por personalidades das várias religiões, que tiveram um contacto direto com ela.

Além dos cristãos, está prevista a participação de fiéis pertencentes a diversas tradições religiosas: hebraísmo, islão, hinduísmo, budismo, xintoísmo, sikhismo, e Tenrikyo. Na maioria são pessoas que assumem cargos de responsabilidade nas suas comunidades. São provenientes de cerca de 25 nações: da Ásia, do Médio Oriente, da Américas do Norte e do Sul, da África e de vários países Europeus.

São amigos que há anos, e até há algumas décadas, prosseguem, em profunda comunhão com o Movimento, o caminho do diálogo interreligioso a nível vital, de colaboração e de

carácter académico. Muitos deles conheceram Chiara pessoalmente e partilham, naquilo que lhes é possível, a espiritualidade do Movimento.

Será uma ocasião para compor um mosaico no qual um diálogo pode ser uma dádiva para o outro, de modo a partilhar as experiências vividas nestes anos.

«É mais um passo no nosso diálogo – comenta Roberto Catalano, co-responsável do Centro para o diálogo interreligioso -, para uma perspectiva mais universal, que vamos aprender a viver e a experimentar nesta ocasião e que se focaliza, de modo especial, na recordação de Chiara, na Urbaniana. Nos dias precedentes, teremos a oportunidade de partilhar com os participantes, as várias experiências no espírito do diálogo de Chiara Lubich».

ao cuidado da redação

Nas fotos em cima, da esquerda para a direita: • Castel Gandolfo, janeiro de 2002, o encontro com Joginder Singh, líder espiritual dos Sikh, depois da Jornada de oração pela Paz, em Assis • Castel Gandolfo, junho de 2002, Simpósio hindu-cristão, com a prof. KalaAcharya • Bangkok, 3 de janeiro de 1997, com o mestre supremo do budismo tailandês Phra Nyanasamvara

Novidade editorial

Silvia, antes de Chiara

A procura de um novo caminho

No dia 7 de dezembro de 1943, Silvia Lubich era uma jovem professora de Trento. Não tinha nenhuma ideia daquilo que iria ver ou viver nos 88 anos da sua vida, das pessoas que a teriam seguido, do Movimento que iria nascer com a sua vida.

Antes daquele 7 de dezembro, dia da sua consagração a Deus, Chiara era simplesmente Silvia. Os acontecimentos que se seguiram já são conhecidos por todos.

Mas não aqueles que se referem à sua família

de origem, às amigas, ao período em que leccionava, ao contexto cultural e humano onde nasceu e viveu a sua infância e a sua juventude.

Para os leitores de *Città Nuova*, Nino Carella conta os seus primeiros 23 anos, traçando o percurso de formação humana e espiritual que contribuiria para a definição da personalidade de Chiara e para o nascimento de um Carisma pensado por Deus para o nosso tempo.



Centro Igino Giordani

Trinta anos ao serviço da Obra

Um desejo de Chiara para que o imenso património ideal e humano de Foco estivesse à disposição de todos, na Obra de Maria

Foi em 1984 que a Câmara de Tivoli conferiu a Chiara Lubich a primeira edição do Prémio Igino Giordani. Ao receber o Prémio, Chiara desejou que todos os que estavam presentes - os concidadãos de Foco - conhecessem o perfil humano e espiritual da figura de Foco, preparado com muito cuidado. Assim, pediu a Tommaso Sorgi, focolarino casado de Teramo, professor universitário e parlamentar, para preparar uma introdução à vida, ao pensamento e à alma de Igino Giordani.

É provável que, naquele momento - há trinta anos - tenha nascido em Chiara a ideia de criar o Centro Igino Giordani e de confiar a sua direção ao Tommaso Sorgi. Muito entusiasmado, o Tommaso aceitou, embora só conseguisse transferir-se para os Castelos Romanos, juntamente com a sua família, em janeiro de 1985. Portanto, esta história começou há trinta anos.

Carla Bozzani foi testemunha das primeiras fases de desenvolvimento do Centro Igino Giordani...

«... realmente - conta a Carla - eu só cheguei no ano seguinte, em 1986. Vinha de Bolonha e pediram-me se podia ir para o Centro da Obra para ajudar o Tommaso. Fiquei surpreendida com a quantidade de trabalho que encontrei. Sobretudo tive a sensação de um trabalho sagrado, a ser realizado para continuar a obra de organização que o próprio Foco já tinha começado. Muitas coisas ainda estavam no sótão do apartamento do então Centro Mariápolis (que agora é o Centro da Obra). Portanto eu abria as caixas, colocava o material no armário, e, com a ajuda da secretária do Anil, começámos a catalogar os livros».

Ver agora os armários e o Arquivo do Centro Igino Giordani, tão bem organizados, faz apreciar o trabalho realizado nesses anos.

«Não partimos do zero. O próprio Foco já tinha organizado as suas coisas, quando, em 1974, se transferiu para o focolar, aqui no Centro Mariápolis. Depois da sua "partida", foram o



Tommaso Sorgi e Igino Giordani

Antonio Petrilli e a Rita Muccio, ainda antes da fundação do Centro Igino Giordani, que organizaram e catalogaram os materiais. E faziam-no em constante ligação com Chiara, que dava conselhos e orientações, que foram pontualmente aplicadas».

Imaginamos que a razão deste trabalho foi a de não desperdiçar um património tão importante como o arquivo de Foco.

«Para dizer a verdade, quando Chiara deu início à organização e depois ao Centro Igino Giordani, ela não pensava apenas na necessidade de não dispersar as coisas extraordinárias (escritos, epistolários, etc.) do arquivo. Ela pensou imediatamente na elaboração de uma biografia completa de Foco, que poderia ser útil para uma eventual causa de canonização dele. Chiara intuía imediatamente esta possibilidade e existe uma série de transcrições e anotações, feitas pelo Antonio Petrilli, de conversas com Chiara que o demonstram».

E o Tommaso?

«Foi encarregado de escrever esta biografia.

Começou por ler todos os livros de Foco que não tinha ainda lido. Construiu uma série organizada de fichas bibliográficas, trabalhou



Carla Bozzani, Tommaso Sorgi, Chiara, p. Foresi, Rita Muccio

sobre detalhes da vida de Giordani de modo minucioso e científico. Começou a escrever os primeiros esboços. Submetia tudo, primeiro a Chiara e depois aos outros. Aceitava e tinha em conta todos os conselhos. Este livro está prestes a ser publicado pelas edições de Città Nuova: trinta anos de trabalho, trinta anos de vida no Centro Iginio Giordani».

Qual foi o teu contributo? Comose vivia no Centro Iginio Giordani?

«O Tommaso foi um diretor especialista nos estudos intelectuais, mas também era muito fraterno. A primeira condição era sempre a unidade, mesmo se os níveis de competência entre o Tommaso, a Rita e eu eram diferentes. Ocupei-me, em particular, em ajudar oTommaso. Nos primeiros anos, o Tommaso escrevia tudo à mão e eu batia à máquina. Depois, chegou o computador: um dos primeiros computadores do Centro da Obra foi o da minha secretária (no fim dos anos 80)».

E hoje, como se está a desenvolver o Centro IginioGiordani?

«Continuamos a realizar o nosso trabalho ao serviço da Obra, e a apresentar a figura de Foco como alguém capaz de exaltar, de modo extraordinário, a luz de Chiara e do seu imenso carisma».

ao cuidado do redação

Novidades editoriais

Olhar para todas as flores

de uma página de '49, de Chiara Lubich

O Movimento dos Focolares: identidade e objetivos, na intuição de Chiara Lubich

A metáfora de um grande jardim florido constitui o assunto de um escrito de Chiara Lubich, de novembro de 1949, sucessivamente publicado com o título *Olhar para todas as flores*. A partir daquela imagem e pelo consequente convite a dirigir o olhar para aquela variada beleza, a Autora apercebe-se do desabrochar de uma espiritualidade que se apresenta como comunicação e encontro até se chegar ao acolhimento e amor recíproco, reflexo sobre a Terra do paradigma uni-trinitário. Os textos reunidos no presente volume ilustram como esta intuição de fundação dá lugar a um percurso interdisciplinar, em que se especializam os membros da Escola Abbà, com o objetivo de oferecer itinerários de pesquisa nos diferentes âmbitos do saber, confirmando a fecundidade teórica e existencial que os escritos de Chiara Lubich encerram.

Carisma História Cultura

uma leitura interdisciplinar do pensamento de Chiara Lubich

O reflexo da espiritualidade da unidade na cultura contemporânea

Carisma História Cultura: uma abordagem interdisciplinar para traçar o horizonte de uma cultura, que tem a sua raiz e o seu «centro» nas intuições iluminativas de Deus, oferecidas a Chiara Lubich durante o verão de 1949 e, em sentido mais amplo, no seu Carisma da unidade.

Partindo da complexidade da época histórica contemporânea, sociologia e teologia, economia, política e direito – na metodologia própria de cada ciência – folheiam o livro da humanidade para ajudar a escrever «novas» páginas, à luz daquelas intuições .



News-Assembleia

Para nos ajudar na participação e para nos manter actualizados sobre a preparação da Assembleia no mundo, nasceu, no site do Noticiário Mariápolis, uma rubrica “News-Assembleia” on-line, onde se prevê fazer uma actualização quinzenal. “News-Assembleia” on-line inicia-se em cinco línguas, com a perspectiva de aumentar esse número. Transcrevemos a primeira news.



Sei in: [Notiziario Mariápolis](#) > [Al Centro](#) > [Prima newsletter sull'Assemblea Generale](#)

Primeira newsletter sobre a Assembleia Geral

Bem vindos à newsletter que nos vai acompanhar no caminho para a Assembleia Geral da Obra de Maria!

Este é o acontecimento mais importante para toda a Obra neste ano e representa também uma grande novidade em relação às assembleias anteriores. Pela primeira vez preparou-se um Regulamento da Assembleia, que prevê «um grande envolvimento de toda a Obra, através dos Delegados de Zona e dos membros do Conselho Geral», para a recolha, em primeiro lugar, de «propostas de temas a tratar durante a Assembleia», e de «candidaturas para as eleições da Presidente, do Co-presidente e dos Conselheiros Gerais».

Para a preparação da Assembleia, a Emmaus criou «uma comissão composta por membros da Obra, em representação do Conselho Geral e das Zonas, e por dois secretários» (CPA) ([link para a lista e foto de grupo da CPA](#)).

Começemos por ver algumas etapas importantes da nossa viagem:

- Desde fevereiro, começou a recolha das Propostas de temas: é o contributo mais importante que podemos dar para a preparação da Assembleia. Podem ser enviadas até 15 de abril, de preferência através das Zonas ou dos Conselheiros Gerais.
- De 1 de fevereiro (e até 31 de março) decorre a primeira fase das consultas para a constituição de listas para a eleição da Presidente, do Co-presidente e dos Conselheiros Gerais.
- No mês de maio de 2014 proceder-se-á à segunda fase de consultas para as candidaturas.
- Em Junho de 2014, serão elaboradas as listas oficiais dos candidatos às eleições. Vai-se preparar um dossier com os temas e as propostas que chegarem à CPA, que vai apresentar à Presidente, ao Co-presidente, ao Conselho Geral e aos Delegados de Zona uma proposta de programa de trabalhos para a Assembleia.

Claro que cada Zona vai encontrar o caminho e os modos para envolver a comunidade da Obra neste processo de participação.

Seria muito bom poder pôr em comum as experiências, as dificuldades, os frutos deste caminho percorrido juntos: esta newsletter quer ser um espaço de partilha, um local para receber esta vida.

Os membros da CPA das Grandes Zonas estão à disposição para receber os vossos contributos ou os vossos pedidos de informações ([link para a lista da CPA](#)).

Até às próximas news, em <http://www.focolare.org/notiziariomariapoli>

Encontros abertos

A fé, uma novidade

Week-end em diversos Países para aprofundar as razões da proposta cristã. Protagonistas: jovens, testemunhos e teólogos

«Deves vir à Holanda, Michell!». Tinha-me dito o Ton Jonstra de modo decisivo, e a Red Deschyffelleer concordava totalmente com ele. Eram eles então, em 2006, os dois responsáveis dos Focolares nos Países Baixos. Tinham-me acabado de explicar que os jovens do Movimento, muito empenhados na pastoral da Igreja Católica Holandesa, não tinham uma adequada preparação teológica. «Deves vir cá um *week-end* e fazer qualquer coisa com eles». Pediam-mo a mim porque há muitos anos que eu ensinava teologia dogmática na escola de formação para os focolarinos, em Loppiano. Algum tempo depois encontrei-me com alguns jovens holandeses em Castel Gandolfo e, pelas suas perguntas, percebi a falta de uma visão global da fé cristã. Propus-me então dedicar dois dias para lhes transmitir o essencial da fé, alternando breves



intervenções minhas e momentos de diálogo. Era o *week-end* do carnaval quando nos encontrámos, perto de Nijmegen, com meia centena de gen, e a alegria que experimentei, no fim do primeiro dia, era tal que me impedia de dormir.

Assim, na conclusão do *week-end*, propus-lhes vermo-nos ainda no ano seguinte, mas desta vez com os seus amigos. A proposta foi recebida com entusiasmo e, no ano seguinte, estávamos 120, de diversas Igrejas e de alguns Países limítrofes. Um focolarino anglicano, Callam Slipper, tinha partilhado comigo a ani-



mação deste segundo *week-end* e os frutos foram muito para além das nossas expectativas. «Fazem uma experiência de contemplação porque vocês lhes dizem eles aquilo que vocês vivem e vêem», tinha comentado um Bispo holandês, que ficou todo o tempo connosco, a ouvir como se fosse um jovem. Mas o verdadeiro segredo do sucesso destes dois primeiros encontros era devido ao amor recíproco, que foi colocado na base de tudo e que tinha atraído a presença de Jesus entre nós.

Foi Ele, o Ressuscitado, que nos tinha iluminado, tornando a nossa fé viva e até compreensível. Cada um dos participantes, de facto, «professor» ou «estudante», tinha procurado, antes de tudo, fazer espaço a Ele e escutá-lo no seu coração de modo a perceber se devia falar e como, com uma pergunta, um comentário, uma experiência pessoal. Deste modo o *week-end* foi construído juntos, ou melhor por Ele em todos.

A notícia destes encontros de formação na Holanda passou de boca em boca e seguiram-se outros *week-end* em França, Espanha, Polónia, Suíça, Itália e, nos últimos dois anos, no Líbano. Outros focolarinos e focolarinas teólogos estiveram envolvidos e, no diálogo entre todos, enriquecemo-nos muitíssimo. Nesta procura de respostas às perguntas mais polémicas deixámo-nos guiar pela luz que emana do carisma que Deus deu a Chiara Lubich e, de todas as vezes, vivemos momentos de grande alegria.

Saiu recentemente, editado pela Editora L'Arcobaleno, que tem uma sua sede no Pólo Lionello de Loppiano, um livro que é fruto destes *week-end* de formação ao essencial da fé cristã. Nele está espelhado seja o conteúdo seja a forma. Parte de uma breve reflexão sobre a fé e a razão, apoiada também na experiência pessoal, e segue-se depois um percurso que nos conduz, como

Do prefácio da Emmaus

Uma viagem na vida de Jesus. Foi esta a impressão durante a leitura destas páginas.

Uma viagem fascinante, com uma dimensão de mistério e também de confiança.

Enquanto penetrava na leitura do presente livro, pensava em quem o iria ler. Sobretudo nos jovens a quem *in primis* ele é dirigido e considerei-os felizardos. Com sorte pelo facto de que alguém, sem se colocar como professor mas oferecendo competência e experiência, quis abrir um diálogo com eles, procurando esclarecer uma questão, a fé, tão decisiva *na* vida e *para* a vida [...].

O meu desejo é que as páginas deste livro dêem aos jovens que as lerem o impulso para entrar em colóquio com Jesus. Para O conhecer melhor, portanto para O amar mais e para se deixar livremente amar por Ele. Uma aventura que desejo a muitos.

os primeiros cristãos, desde o encontro com Jesus histórico até à confissão pascal da sua divindade e, com essa, da Trindade. De seguida entra-se no problema do mal e na resposta que lhe dá a fé no Amor. Na conclusão abrem-se perspectivas sobre a novidade que leva à vida trinitária no quotidiano. Como durante os *week-end*, veio-se assim a descobrir que a fé é Vida, Bem-aventurança, Amor, Sabedoria, Paz.

Nós acreditamos no amor quer ser para os leitores católicos uma espécie de introdução ao Youcat e um convite a conhecer este «catecismo para os jovens», mas também os jovens das mais variadas Igrejas se reconhecerão naquilo que está expresso neste pequeno livro, porque sobre o essencial da fé já estamos de acordo. Também aqueles que não acreditam em Jesus ou em Deus vão encontrar aqui uma possibilidade de conhecer o que pensam os cristãos e como dão razões para a sua fé.

Michel Vandeleene



Comunidade na Oceânia

Em Kiribati, a aventura continua



No Oceano Pacífico, à volta da Palavra de vida, vai-se construindo, ao longo dos anos, a comunidade

Depois de 26 anos, voltámos às Ilhas de Kiribati, um arquipélago de 33 ilhéus, dos quais 22 não são habitados, no Oceano Pacífico, a meio do percurso entre a Austrália e as ilhas do Havai, sobre o Equador e a linha da mudança da hora. A população, cerca de 100.000 habitantes, não apresenta grandes desigualdades económicas. Todavia, sendo os recursos tão escassos, são todos mui-



to pobres, mas vivem contentes com o pouco que têm.

O bispo do local, mons. Paul Mea, está desde há alguns anos em contacto com a secretaria dos Bispos do Centro da Obra e insistia em pedir-nos para ir a Kiribati, para prosseguir na formação das pessoas e sobretudo dos jovens que recebem a Palavra de vida.

Com surpresa, Mary Cass (do focolar de Melbourne) e Marie-Christine (do focolar de Londres) – foram a Kiribati em agosto passado, constituindo um focolar temporário.– Encontraram um grupinho de 60 pessoas, desejosas de aprofundar a espiritualidade da unidade. A sua maioria conheceu o Movimento recentemente, através da Palavra de vida, mas algumas

tinham tido contacto já em 1987, continuando a encontrar-se todas as semanas.

Mons. Mea construiu em Buota, numa aldeia da ilha principal, um *maneaba*

para eles. Trata-se de uma estrutura típica para encontros, com um grande telhado apoiado sobre colunas, com o chão em cimento. Numa aldeia, o *maneaba* é um



centro de vida social, tem uma grande importância para a vida de um grupo, além de ter uma função simbólica e prática. Por isso o Bispo quis que o focolar tivesse um *maneaba* seu, onde a pequena comunidade se encontra todos os fins-de-semana, onde se come juntos, se reza, onde se comunicam as experiências, se faz vida de comunidade.

Além do *maneaba*, D.Meia construiu, sempre para o focolar, dois quartos em tijolos, com casas de banho. A comunidade sente este lugar como a sua «Loppiano» – foi o nome que deram –, onde aprendem a viver o amor e a unidade.

Durante o mês de permanência em Kiribati, as focolarinas encontraram-se várias vezes com o Bispo, que se encarregou

Encontros itinerantes

Em Perth na Austrália, os nossos da cidade pensaram em fazer os encontros da comunidade em lugares diferentes de cada vez, para dar mais possibilidade a quem não pode participar regularmente. Recentemente o encontro, no qual estavam presentes cerca de trinta pessoas, realizou-se na paróquia de Duncraig, com o grupo anglicano da Palavra de vida muito vivo, que era seguido por Roy Poole, sacerdote anglicano do Movimento, que nos deixou em 30 de março de 2013 (ver *Mariápolis* 3-4/2013).

de traduzir a Palavra de vida na língua local.

Em Buota, a comunidade cresceu e um pequeno grupo empenhou-se em ajudar os outros e até já começaram um pequeno infantário, sob um telheiro, para responder concretamente às necessidades da pequena aldeia. Mary e Marie-Christine fizeram muitos encontros: professores, catequistas, estudantes de várias escolas, às quais foi apresentado o “dado do amor”, que começaram a lançar todos os dias. Assim, entrando em algumas salas de aula, aconteceu encontrar escrita



no quadro uma frase da arte de amar... Encontraram-se também com várias religiosas, muito empenhadas na vida da Igreja e a nível social, através do «Crisis Centre» (Centro de crise), a única estrutura que ajuda mulheres e crianças vítimas de abusos ou violências.

A idade média da população é de 25 anos e grande é o desejo do bispo Paul Meia de ajudar estes jovens e crianças, sobretudo os pequenos de idade pré-escolar. Estamos a estudar como realizar estes projetos tão necessários.

Lucia Compostella e Bruno Carrera

Na serra Huasteca do México

Um amor que cresce

O amor recíproco no interior de uma comunidade ultrapassa dificuldades de todo o tipo, desde as geográficas às económicas e sociais

Esta zona indígena, do centro norte do México, encontra-se na serra Huasteca (Hidalgo, San Luis Potosí, Veracruz). A língua é o *nahuatl*. Vivem aí 32 pequenas comunidades, compostas por 240 famílias cada uma, espalhadas sobre um território que se mede por horas de caminho, porque, mesmo se poucos são os quilómetros, as estradas são terríveis, e quando chove alagam-se.

O ambiente é sugestivo: as colinas, muitas vezes despidas, erguem-se em alternância com vales muito viçosos. E são percorridos por cursos de água, que inexistentes nos períodos de seca, se tornam torrentes ameaçadoras quando chove.

Aqui e acolá surgem umas clareiras que os indígenas procuram cultivar com os seus rudimentares instrumentos agrícolas, muitas vezes reduzidos só a um pau, para fazer um buraco na terra árida, onde plantar umas sementes de milho e de feijão. Mas a colheita nem sempre é possível, porque o clima é muito hostil e tanto há períodos de seca como fortes aluviões que estragam as culturas com graves consequências.

Além destes produtos não se cultiva praticamente nada, salvo um pouco de malaguetas, «cile», muito picantes, que servem muitas vezes de tempero para as paupérrimas refeições, nas quais a carne está quase totalmente ausente.

Vive-se em cabanas de madeira e palha, construídas sobre simples terra batida, que geralmente só têm uma divisão. A cozinha é externa: um local onde se acende o fogo com lenha.

O índice de doenças é alto e, pelas distâncias, na maioria das vezes não conseguem



aceder aos serviços sanitários do Estado, onde muitas vezes a atenção nem sempre é adequada. Encontram-se assim a enfrentar doenças sem possibilidade de tratamento, nem médicos especialistas ou medicamentos caros.

Perante estas necessidades vitais, muitas pessoas do Movimento deram vida a diversas acções. Nestes anos pôde-se construir um poço para a água potável, colocar o chão em algumas casas, ajudar algumas famílias a ter uma pequeníssima casa.

A generosidade e disponibilidade dos nativos é comovente e a comunhão dos bens é espontânea e normal entre eles. Muitas acções são sustentadas pelos nossos e são de grande testemunho para a relação de fraternidade que se constrói entre a equipa e a população indígena. O amor recíproco que circula entre todos sensibilizou fortemente o pároco e as irmãs missionárias do lugar. Também as autoridades civis se interessaram, dando início à colaboração com os entes públicos para algumas intervenções cirúrgicas. E não só: um fo-

colarino conseguiu intervir para resolver sérios conflitos entre algumas aldeias.

Como em todas as famílias da Obra, também aqui se fez uma Jornada, que foi uma festa a Jesus no meio. Participaram 12 comunidades indígenas com cerca de 300 pessoas, estando presente também um grupo de 30 internos da Cidade do México e de Neza, que depois de terem viajado toda a noite, se puseram ao serviço deles, construindo a fraternidade e testemunhando a família de Chiara.

O tema do amor ao irmão, feito em língua *nahuatl* por um voluntário e uma focolarina indígena, caiu sobre uma terra preparada, porque amar cada pessoa está já na natureza deles, mas sentiam a necessidade de o fazer na vida quotidiana, para que pudesse dar frutos abundantes e visíveis. Um catequista, que ti-

lenha, milho, galinhas, folhas de banana, laranjas, café. Foi também muito forte experimentar o amor de Deus através da providência que veio de outras cidades: um porco de cem quilos, feijão verde, açúcar, etc. Tudo foi colocado em comum para preparar juntos o *zacahuil* (alimento típico da região), partilhado com todos os participantes no fim da Jornada,



nha vindo pela primeira vez, comentou: «Hoje renasci. Conheço bem a Bíblia, mas aqui ensinaram-me o Evangelho vivido». Os nossos gen apresentaram o musical sobre a vida de Chiara Luce, que, como eles depois se exprimiram, «ajudou-nos a compreender o sofrimento, caminho para chegar a Deus».

A Jornada tinha começado já um dia antes quando cada membro das diversas comunidades trouxe qualquer coisa como oferta:

a coroar uma experiência de fraternidade e unidade.

Alberto e Cristina, um casal de Santa Cruz com cinco filhos, partilharam a sua experiência de «adoção» do sobrinho Juan Alberto. Os seus pais, não tendo condições para o sustentar, pediram-lhes a sua ajuda. «Como posso negar ajuda ao meu irmão – disse o Alberto – se sei que Jesus está nele? E se ele é Jesus mesmo, como não o amar?». Assim, acolheram-no em casa e amaram-no sem medida, até que também Juan Alberto ultrapassou o seu sofrimento e, pouco a pouco, se transformou. Alguns meses mais tarde trouxeram também as suas duas irmãs. A família, agora composta por 10 membros, vive em harmonia e é um forte testemunho do amor recíproco para todos: «sabemos que o nosso amor deve continuar a crescer, que Deus nos ama e a sua providência não nos faltará».

Vibel Lopez

Voluntárias

Usa-nos

Empenho, radicalidade, abertura ao novo, caracterizaram os encontros no Centro e nas Zonas. A intervenção da Emmaus em Castel Gandolfo



Em Castel Gandolfo, de 30 de janeiro a 2 de fevereiro de 2014, estiveram presentes cerca de 1100 voluntárias, provenientes de todo o norte de Itália e dos Países da Europa oriental.

Foram também numerosos os Congressos realizados nas zonas, e muitos em simultâneo.



A única voluntária da Bielorrússia

Com grande alegria e participação puderam assim seguir directamente, via *streaming*, a intervenção da Emmaus a partir do Centro. Empenho, radicalidade, nova abertura em direcção ao «Ut omnes», caracterizaram cada um dos encontros. A intervenção da Emmaus fez «brilhar» a vocação das voluntárias, tornando-as ainda mais conscientes das potencialidades do Carisma na sua encarnação. Citamos algumas passagens.

A Emmaus na sua intervenção fala de dois efeitos do amor recíproco vivido.

O primeiro é aquele de «transformar a vida. Já não vivemos só uma vida terrena, vivemos uma vida de Paraíso, vivemos relacionamentos que podem ser como os relacionamentos da Trindade». O segundo é o «contágio» que o amor recíproco realiza, uma espécie de vírus pelos quais muitas pessoas são, espontaneamente, atraídas por pessoas que o vivem, como sucedia em Trento com as primeiras focolarinas.

Aquilo que acontece também hoje, evidencia a Emmaus: *«Se verdadeiramente existe o amor recíproco, a primeira coisa que sucede é que há Jesus no meio, e é Ele que dá gosto, sabor, dá alegria, dá entusiasmo. Portanto a vida de núcleo torna-se uma vida plena, torna-se uma vida na qual comunicamos realmente aquilo que de mais profundo temos, onde nos ajudamos a avançar. [...] E, ao mesmo tempo, sucede também que este amor recíproco contagia, irradia, ilumina os ambientes circunstantes, [...] sucede inevitavelmente que outros se aproximam, que outros perguntam, e então talvez uma célula de ambiente transforma os relacionamentos num hospital, numa escola; outras pessoas se aproximam, perguntando, começa o mundo da Humanidade Nova, começam as Inundações, porquê? Porque alguns começaram a amar-se reciprocamente. Percebem que é uma coisa grande, este Mandamento Novo!».*

Uma medida de amor cada vez maior,

portanto, que – explica a Emmaus – está fortemente ligada à nova configuração da Obra, à qual dedica a segunda parte da intervenção, levando ao coração de todas as que estão presentes a «visão» que está na sua base. E fá-lo percorrendo o caminho que conduziu a Obra à nova configuração, iniciado com a constatação que o número dos focolarinos e das focolarinas era insuficiente para responder a tantos pedidos que chegavam de todas as partes do mundo. Assim perguntámo-nos: «Através destas necessidades que nos são expressas, através destas exigências que nos são apresentadas, o que é que Deus nos quer dizer?». E percebeu-se uma resposta: «Através desta exigência que se nos manifesta, pode-nos pedir não para aumentar o número dos focolarinos, mas para alargar o coração e dizer: até agora éramos capazes de chegar com o amor até este limite, agora deveremos ser capazes de chegar, com o amor, a um horizonte mais amplo. E para dar ao mundo amor, não há só os focolarinos. Isto é, de repente demostros conta que, durante todos estes 70 anos de vida, tinha crescido uma família de Chiara, que não era feita só de focolarinos, mas que tinham todos a mesma e idêntica capacidade de amar. E qual era a medida desta capacidade de amor? Como capacidade era enorme, chegava ao “Ut omnes”; isto é nós, pelo dom do Ideal, pelo carisma que Deus nos deu, somos capazes de amar até aos últimos confins da Terra. Depois devemos fazê-lo concretamente, mas a capacidade que Deus nos deu tem aquela medida».

E como Chiara e as primeiras companheiras disseram a Jesus: «Usa-nos para chegar aos confins da Terra», assim também hoje – convida a Emmaus – podemos dizer a Jesus: «Usa-nos, usa-nos, estamos ao teu serviço, ao serviço do teu Reino, ao serviço

daquele que é o teu desígnio sobre toda a humanidade, para construir esta fraternidade universal, para construir esta família dos teus filhos, esta família que tu queres sobre a Terra. Mas usa-nos, não uses só os focolarinos, usa-nos também a nós. Usa-me também a mim, aderente, que conheci o Ideal, que o quero viver que estou num ambiente onde posso testemunhar este amor. Usa-me na família focolar, que me encontro nesta situação, neste País onde não há mais ninguém. Usa-me também a mim, a nós núcleo de voluntários, que estamos naquele ambiente particular, difícil, com tantas controvérsias, usa-nos para levar esta vida ali; usa-me, usa-me, usa-me.



A oração das voluntárias ortodoxas

Se todas nós dissermos a Deus: “Usa-me”, compreendem que há uma riqueza na Obra enquanto tal, e então a nova configuração torna-se uma nova sementeira – por isto falamos também de uma “nova sementeira” -, torna-se um novo impulso, torna-se um novo progresso para o fim que é igual, porque o fim é o “Ut omnes”, igual àquele que tinham as primeiras focolarinas e que é igual hoje para os focolarinos, para os voluntários, para os gen, para os sacerdotes, para os religiosos, para os Bispos, para toda a família da Obra.

Portanto, - concluiu a Emmaus – estamos todos juntos ao serviço do “Ut omnes”. Isto quer dizer “nova configuração”».

Maria Ghislandi

Religiosos

«Para a frente!»

Homens de fé, de comunhão, de alegria, protagonistas da mudança em acto, na Obra



Provavelmente nunca tinha acontecido que um encontro de um ramo da Obra começasse com a bênção do Papa. Aconteceu com o encontro dos religiosos no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo (4-7 de fevereiro). Um deles teve a possibilidade de concelebrar a Missa na Casa de Santa Marta, na manhã do dia 3 de fevereiro e no fim, no momento dos cumprimentos pessoais, disse ao Papa Francisco que era um religioso da Obra de Maria e que participaria num encontro que começava no dia seguinte.

O Papa disse-lhe com força: «Para a frente, eh!». Com este impulso, partimos.

O tema central do encontro foi o tema do ano, sintetizado pela Emmaus, em Montet: «Se o amor recíproco entre nós não se vir é grave, porque as pessoas não poderão reconhecer Jesus. Será inútil falar dele: não o reconhecerão». E insistiu nisto quando voltou ao nosso encontro para uma hora de «paraíso» (com os pés na Terra).

Falando da Obra hoje, afirmou: «É importante crescer no amor, não no número de focolares». E, com a Teresa Martins, contaram-nos



como vivem o amor recíproco no focolar delas: o sobrenatural nos mais pequenos pormenores.

O secretário da Congregação para os Religiosos, D. José R. Carballo, presidindo a uma Missa, convidou-nos a sermos homens de fé, de comunhão e de alegria. Esta dominou o encontro, sem diminuir a seriedade da nossa responsabilidade perante todas as famílias religiosas, perante a Obra, a Igreja e a humanidade. Com o Giancarlo Faletti tomámos uma maior consciência de que somos chamados a ser protagonistas da mudança em acto na Obra. Um de nós comentou: «O ramo dos religiosos, se viver para si mesmo, vai morrer».



Como conclusão, pusemo-nos, ou voltámo-nos a pôr no caminho de preparação da Assembleia, e na descoberta e realização de novas vias para levar o Amor de Deus à humanidade, começando pelos núcleos, pelas comunidades locais, por envolver os religiosos jovens, pelas nossas comunidades com o “Ut omnes” no coração (e nos braços).

A secretaria internacional dos religiosos

Humanidade Nova

Escutando a humanidade

Congresso das secretarias internacionais

«Se queres ir depressa, vai sozinho. Se queres ir longe, vai com os outros».

Neste provérbio africano está resumida toda a sabedoria do povo de Achille Biffumbu, que em Goma, na República Democrática do Congo, começou um projeto para formar os jovens das aldeias da sua região a cultivar a terra e à conservação do ambiente, favorecendo um modelo possível de se realizar, para o desenvolvimento sustentável da cidade.

Esta experiência foi uma das que foram contadas durante o congresso internacional das secretarias de Humanidade Nova, que, de 12 a 16 de fevereiro, reuniu 250 participantes em Castel Gandolfo, vindos de todos os continentes.

Um programa dinâmico, baseado no diálogo, com as mais variadas experiências e que aprofundou alguns temas de atualidade, também à luz da “Alegria do Evangelho” do Papa Francisco. Por isso, o provérbio africano resume bem o significado de todo o encontro: aprender a caminhar cada vez mais juntos, em corpo com toda a Obra, em direção às periferias existenciais.

«Este ano concentramo-nos em particular no mundo do Verde» - conta Maria Cristina Canavese, voluntária de Florença e membro da secretaria central - «vendo a vida como harmonia, fraternidade e comunhão. Pondo em rede as nossas competências profissionais e de vida, demo-nos conta que somos mais conscientes e capazes na dinâmica do amor recíproco, mesmo entre os vá-



rios “mundos” de Humanidade Nova. É um amor que contribui para a saúde da pessoa em si e do corpo social».

A Emmaus interveio na quinta-feira 13 de fevereiro: fez um diálogo profundo e sincero com a sala. Leu no coração de todos os participantes, e deu a Humanidade Nova à Obra e a Obra à Humanidade Nova, pondo em luz a sua riqueza de vida para a Igreja e para a humanidade.

O Giancarlo saudou as secretarias no último dia, com um tocante encorajamento a voltar para a zona para ser «doação» e contribuir para realizar o desígnio da Obra em todo o mundo. Não faltou portanto a visão profunda para o presente e para o futuro, nem o estímulo, o envolvimento, o afeto.

Todos regressaram com a certeza de que, com este amor verdadeiro, autentico, misterioso, sem véus, até ao ponto de morrer uns pelos outros, podem-se descobrir novas estradas e soluções inéditas para nos aproximarmos da humanidade e das necessidades de quem mais sofre.

Paolo Balduzzi



Secretarias de Famílias Novas

Dar de novo vida à família

A Emmaus abriu o Congresso anual das secretarias encorajando os participantes ao protagonismo no âmbito eclesial e civil



Um esperado e importante encontro para partilhar as experiências e individualizar perspectivas para o futuro, na alegria da presença da Emmaus. Ela, abrindo o Congresso das Secretarias de Famílias Novas (Castel Gandolfo, 7-9 fevereiro), pediu para se ter aquele amor recíproco que nos faz membros da família de Chiara, com um olhar para a humanidade, para captar as exigências, as perguntas e as necessidades.

Às secretarias presentes – de prevalência das Zonas europeias – de que fazem parte também os encarregados para os namorados, as famílias jovens, os separados, os viúvos e quem representa Famílias Novas nos organismos da Igreja e civis a nível de Zona, e às famílias que, dos continentes, estavam ligadas por “streaming”, sublinhou como todos vemos que a família é muito atacada pela política, pela economia, pelos média. Mas, disse a Emmaus «se há esta ani-

mosidade, quer dizer que a família é uma força».

Por isso – continuou – agradeço-vos por aquilo que fazem pela família. Queria encorajar-vos a pregar o evangelho. Recordou a frase da Escritura: «Quando me induzirem à batalha, lá porei a minha esperança». Depois, a Emmaus mencionou um episódio do evangelho, aquele onde Jairo se lança aos pés de Jesus para pedir

a cura da filha. Mas as pessoas, a chorar e a gritar, dizem que ela já morreu. Jesus entra em casa e «mandando todos para fora, levou consigo o pai e a mãe da menina e aqueles que estavam com ele» (Mc 5,40) para realizar o milagre da ressurreição. A Emmaus comentou que, nas coisas importantes que Jesus fez, chamou os seus apóstolos como testemunhas, mas desta vez chamou também a família, como se quisesse dizer aos pais: «Eu voltei a dar a vida a esta menina, mas agora toca a vocês educá-la para a vida, na santidade». Este é «um sinal do desejo de Jesus de voltar a dar vida à família – continuou a Emmaus – demonstrado também pelo facto de que a Igreja pensou num Sínodo para a família».

Tendo em vista a preparação desse acontecimento, convocado pelo Papa Francisco de 5 a 19 de outubro 2014, as Famílias Novas de várias Zonas do mundo

Namorados «Dá-nos hoje o nosso amor quotidiano»

Com o Papa na Praça de São Pedro

Quando fui buscar a Valentina à paragem do metro, a praça estava quase deserta. Muitas cadeiras estão vazias. Desta vez vamos conseguir ter um lugar!

Logo que chegámos ao recinto das Colunas, havia já um sussurrar: casais de namorados já enchem a praça. Na entrada, estavam a distribuir estranhas folhas brancas, bem protegidas.

elaboraram contributos preciosos, que a secretaria central recolheu e enviou ao Conselho Pontifício para a Família. Foi a resposta ao inquérito que tinha sido enviado às realidades da Igreja de todo o mundo, para conhecer a situação real que a família hoje está a viver.

«Recomendo-vos os namorados – disse a Emmaus na conclusão do seu discurso – que, através do vosso testemunho, vejam o verdadeiro amor, vejam que é possível o “para sempre”.

O amor nasce de Deus e Deus é para sempre».

Solicitados pelo documento OMS que define os “standard” sobre a educação sexual, no congresso iniciou-se uma reflexão sobre a função dos pais em educar à afectividade e lançou-se o projecto de formação «Teens Life», elaborado pelos Jovens para a Unidade em colaboração com Famílias Novas, que inclui também cursos para tutores. O objectivo é a formação integral dos jovens e o crescimento harmonioso da pessoa, tendo em conta as várias dimensões corpórea, emocional, intelectual, social, espiritual.

Giovanna Pieroni



O Papa Francisco cumprimenta Fiorella e Andrea Turatti

Aproximámo-nos, curiosos, e descobrimos que as folhas... não eram folhas.

A pergunta «vão-se casar este ano?» colhe-nos de surpresa e, em vez da folhinha, entregam-nos uma pequena almofada branca de seda, com a assinatura de Francisco e o brasão pontifício. Irá servir para levar as alianças no dia do casamento: é a primeira surpresa do dia, juntamente com uma oração escrita num cartãozinho e o sol que ilumina e aquece, depois de tanta chuva.



São Pedro acolhe 30.000 pessoas de todo o mundo. Do outro lado do sector onde estamos, está um grupo de jovens a segurar um cartaz com escrito «Movimento dei Focolari». Este é o dia que o Papa Francisco dedicou ao amor esposal, recebendo em audiência especial os namorados.

Por outro lado, hoje é o dia 14 de fevereiro, festa de São Valentim (176-273 d.c), o bispo de Terni, que teve um amor especial pelos jovens namorados.

Uma série de testemunhos, entre os quais o da Fiorella e Andrea Turatti, do Movimento Famílias Novas, clarifica

o valor daquela almofada: não vai servir só para levar as alianças! Uma almofada serve para dormir, para apoiar a cabeça num lugar seguro, depois do cansaço, e iniciar depois um novo dia que escreve a nossa história. Respondendo às perguntas, o Papa Francisco encorajou-nos assim: fazer trabalhar Deus na vida do casal, voltando a olhar para aquela almofada, tendo fé Nele, que torna bonita a nossa humanidade e nos dá a capacidade de recomeçar, indo dormir todas as noites com a paz no coração.

«Senhor, dá-nos hoje o nosso amor quotidiano», é a oração escrita que o Papa

faz repetir à praça: é a receita para um casamento duradouro, capaz de «fazer o homem mais homem, e a mulher mais mulher». Mesmo como faz um artesão, com os cuidados quotidianos que implicam cansaço e suor, cresce-se juntos e dá-se reciprocamente a verdadeira felicidade.

Olho para a Valentina no dia da sua festa: pois é, chama-se mesmo assim! Temos que voltar imediatamente para o trabalho e não vamos ter tempo hoje para fazer a troca de outras prendas. Mas, olhando-nos um para o outro, apercebemo-nos que já recebemos a prenda mais bonita.

Paolo Balduzzi

O novo jornal online Nenhum gen sem GEN

Já está prestes a acontecer o lançamento do novo Jornal GEN on-line, que substituirá completamente a edição em papel.

O novo GEN é fruto de um trabalho em equipa, nascido do pedido e da colaboração dos e das gen de todo o mundo.

Está paginado segundo o resultado de uma sondagem, à qual responderam centenas de gen de todos os continentes e que nos ajudou a fazer com que fosse acessível tecnicamente ao maior número de jovens possível, e próximo, como estilo, dos gostos e exigências deles.

Sairá simultaneamente em 5

línguas: italiano, espanhol, português, inglês e francês. O que nos dá mais alegria é pensar que, este passo, aproxima cada vez mais o Jornal ao desejo de Chiara: «Nenhum gen sem GEN».

O Jornal vai ser inserido no Site gen, no endereço de <http://gen2.focolare.org>

Para pedir o acesso ou para qualquer outra informação pode-se escrever a redazione.gen@gmail.com

A redação de GEN



O que mais desejamos

Início do site internacional do mppu .
Um novo passo para uma maior
dimensão universal

Que o mppu assuma uma dimensão cada vez mais universal, como deve ser para poder construir politicamente o mundo unido.

Para além desta indicação, no encontro com a Emmaus, em junho passado, outras surgiram: continuar a ser um movimento leve, aberto, de que todos possamos fazer parte, livremente.

Eis-nos na foto: falta a Réka Szemerkenyi de Budapest, consultora para as políticas de segurança internacional do governo húngaro. Recebeu recentemente um reconhecimento pela Slovak Atlantic Commission, por ter promovido liberdade e segurança na Europa central. Vemos uma comissão jovem e internacional: Joaquin (Argentina), Charlene (Inglaterra), Melchior (Burundi), Gedi (Coreia), Donata (Canadá/China) e Maria do Carmo (Brasil).

Para a língua alemã iniciou-se um diálogo importante. Sim, porque não se trata de traduções, mas de exprimir o carisma da unidade na dimensão política de cada povo.

Estamos a falar do novo site. O italiano é agora www.italia.mppu.org. O novo site internacional - www.mppu.org - está em inglês! É uma aventura de unidade cultural e linguística, que nos leva a dar muitos passos. Por exemplo a abreviatura «mppu», em inglês não podia ser «movimento político para a unidade».

Assim, o novo logo é Movement of po-

litics and policy for unity. Foi a oportunidade para compreender que não se trata só de renovar o estilo político (mostrando o reconhecimento do outro e um verdadeiro diálogo), mas trata-se também de construir novas políticas económicas, sociais, ambientais, internacionais ... E, recordando as palavras de Chiara em Westminster, Londres: «se déssemos uma cor a cada atividade humana ... a política seria o fundo, o preto, que realça todas as outras cores», redescobrimos a nossa missão de serviço, no Diálogo com a cultura contemporânea.

Nesta dimensão, estamos agora a trabalhar para o evento de março de 2015: Chiara, o carisma, a política. Um ano de compromisso e de elaboração para uma nova democracia participativa, que corresponda melhor ao projeto de unidade na riqueza da diversidade.

Todos podemos estar envolvidos, não só porque cada pessoa tem uma dimensão política - que para nós tem o horizonte da unidade da família humana - mas porque - como nos disse a Emmaus: *«aquilo que mais desejo é que toda a ação do mppu seja sempre feita em unidade e seja fruto da unidade ... é uma realidade da Obra que, com toda a Obra, visa o "Ut Omnes"»*.

Letizia De Torre

Na foto, da esquerda para a direita: Enzo Cardaci, Sergio Previdi, Joaquin Salzberg, Maria Voce (Emmaus), Letizia De Torre, Annalisa Colombo, Daniela Ropelato, Cecilia Di Lascio, Pasquale Ferrara, Marcello Sanità, Giancarlo Faletti





Roma, 27 de janeiro de 2004



Estado de Indiana, 27 de janeiro de 2004

Do estado de Indiana

Um doutoramento que liga a América à Europa

O reconhecimento conferido à Emmaus e ao Movimento dos Focolares abre colaborações importantes no campo do Direito

A 27 de janeiro, na sede romana da University of Notre Dame, uma das mais importantes Universidades católicas dos EUA, houve um momento intenso e de grande alcance: a atribuição de dois doutoramentos *h.c.* em Direito, ao card. Jean-Louis Tauran, presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Interreligioso e a Maria Voce, presidente do Movimento dos Focolares.

A palavra que mais se ouviu durante este dia foi «diálogo», um diálogo aberto, com quem pertence a outra religião, a outra cultura, um diálogo onde cada um oferece o seu pensamento, para se caminhar juntos.

«Estamos extremamente orgulhosos por acrescentar ao número dos nossos alunos figuras tão ilustres como o cardeal Tauran e Maria Voce», disse o rev. John I. Jenkins, CSC, presidente da Universidade.

O doutoramento, recordou o Presidente, é uma honra que não pode ser «dada», mas é o reconhecimento a quem já a tem. E assim acontece com estas duas personalidades.

E um dia de diálogo aberto também foi vivido do outro lado do Oceano, na sede da University of Notre Dame, no Indiana.

Apesar do mau tempo, vieram todos – disse o prof. Peter Casarella – para o «calor do

focolar». Estava presente um grupo de professores e doutorandos, além de representantes de Comunhão e Libertação, Comunidade de Santo Egídio, Schoenstatt e amigos leigos de Madonna House.

O primeiro apresentador introduziu o programa, definindo o dia como um momento «extraordinariamente importante» para o início de um novo relacionamento entre a Universidade de Notre Dame e os Movimentos eclesiais: um passo em frente, na vanguarda, na procura do que significa ser Universidade católica no mundo de hoje.

Neste contexto, foi forte o apreço pelo papel da espiritualidade de comunhão, num diálogo aberto, a nível cultural, entre os vários carismas.

Michael James, diretor do Boston College para o programa de Liderança na Universidade Católica – na mesa-redonda com John Cavadini, diretor do Instituto Notre Dame para a vida da Igreja – apresentou o tema «A espiritualidade de comunhão e a instrução católica nas escolas superiores». John Mundell fez olhar para a Economia de Comunhão, em diálogo com Martijn Cremers, da Escola de Economia de Notre Dame. D. Mitchell, da Purdue University aprofundou com Peter Casarella, do



Departamento de Teologia de Notre Dame «a Espiritualidade de Comunhão, o diálogo inter-religioso e a construção da paz».

Amy Uelmen, docente de Direito na Georgetown University, dialogou sobre «Fraternidade na política e no Direito» com Daniel Philpott, diretor do Centro de Notre Dame para os direitos civis e os direitos humanos.

Ilustrou o percurso de Comunhão e Direito e do Movimento político para a unidade nas várias nações do mundo, na procura de um caminho que – no respeito pelas diferenças culturais, que se exprimem também na utilização dos termos como fraternidade, relacionamento, amor ao próximo – permita ao Direito e à Política de falar às pessoas, e de incidir na sociedade para contribuir para a unidade da família humana.

Em Roma, Maria Voce mostrou, com breves pinceladas sobre o seu percurso de estudo e de investigação, como o seu empenho pessoal e o da rede de Comunhão e Direito levou a descobrir novos elementos no campo jurídico.

A Emmaus realçou a sua teimosia em continuar os estudos, quando o seu pai a fez interromper a escola depois do ensino básico. O seu trabalho como a primeira mulher advogada da Comarca de Cosenza, e a escolha de deixar tudo, sem remorços, para seguir e trabalhar por um Ideal maior, até descobrir, com as pesquisas na Escola Abbà e com a rede de Comunhão e Direito, o centro da nova visão do Direito.

«Um dos meus professores definia o Direito como "um sistema de limites". E o estudo confirmou-me que, nos relacionamentos,

a esfera de autonomia de um indivíduo ou de um grupo chocava inevitavelmente com a dos outros. E só com esta limitação recíproca é que se podia construir uma convivência pacífica.

Hoje, num mundo globalizado, assistimos a uma fragmentação cada vez maior.

Frequentemente vivemos uns ao lado dos outros, mas não estamos juntos, pelo contrário, temos medo e desconfiamos dos outros, portanto vivemos numa solidão profunda. Vítima também ele desta crise cultural, o Direito tornou-se cada vez mais o direito do indivíduo, ou melhor dos indivíduos, separados e isolados.

Na lógica do amor evangélico vivido, pelo contrário, o limite torna-se oportunidade para experimentar a verdadeira essência da pessoa, que se realiza dando, dando-se, sendo uma dívida. E só assim se pode conciliar o respeito pelas liberdades individuais, numa síntese superior que leva à comunhão, na qual e pela qual os sujeitos podem ver tuteladas, e até potenciadas, as suas identidades».

Desta visão do Direito parte o empenho, dos dois lados do Oceano, a trabalhar, juntamente com a University of Notre Dame e com todos os que quiserem trabalhar, para iluminar a compreensão da lei e dos relacionamentos entre as pessoas.

Maria Giovanna Rigatelli e Amy Uelmen



Telegramas da Emmaus por ocasião da partida de Elio e Zaida.

Elio Cimmaruta

O pacto de fidelidade

No dia 23 de fevereiro, às 20.15 horas, Elio, focolarino da Mariápolis Romana, partiu para o Paraíso. Há alguns dias tinha dito: «Depois do pacto de fidelidade até ao fim, feito com Manfred e com Enrico (dois focolarinos que passaram para a outra Vida nos últimos meses), sinto-me mais no Céu do que na Terra, e estou pronto para partir».

O Elio nasceu na pequena cidade de Afragola (Nápoles), no dia 28 de março de 1952, e viveu numa família numerosa de onze irmãos. Em 1968, dois meses depois de ter encontrado o Movimento, escreveu a Chiara: «Quando conheci os gen fiquei fascinado com a sua maneira de viver».

Em 1970, pediu a Chiara um nome novo, que lhe fizesse lembrar o seu dever ser em cada momento. Chiara deu-lhe o nome de «Trinitas», e disse-lhe: «Este nome recordar-te-á que devemos



viver “na Terra como no Céu”... os relacionamentos entre nós devem ser trinitários,... com uma caridade divina que não deseja nada para si, mas que dá tudo». Um dia, em 1975, profundamente recolhido depois de ter recebido a Eucaristia, sentiu que Deus o chamava a ser um focolarino e, com uma alegria muita grande, disse o seu «sim». Confiou a Chiara: «O meu único desejo é seguir-Lo. Espero ser-Lhe totalmente fiel». Um ano mais tarde foi para Loppiano. No final da escola de formação passou a fazer parte do Centro Santa Chiara, centro de audiovisuais do Movimento, onde trabalhou durante 32 anos. «Foi uma graça especial – dizia ele mesmo – ter podido viver, precisamente graças ao meu trabalho, tantos momentos perto de Chiara». Com talento e profissionalismo, com perspicácia e sabedoria, o Elio viveu a sua paixão de difundir o carisma da unidade no mundo, através dos meios de comunicação.



O seu grande desejo era colocar os relacionamentos em primeiro lugar, antes de qualquer trabalho, a fim de garantir a presença de Jesus no meio. Deixou um património de imagens e de documentos que continuarão a alimentar as gerações futuras. Contribuiu para o nascimento do Collegamento CH na versão vídeo, poderoso instrumento de unidade para o desenvolvimento global de toda a Obra na santa Viagem.

Em 2010, o Elio mudou-se para a Cidadela da Bélgica, onde deixou uma marca profunda no coração de muitos que o conheceram. Em Julho de 2013, foi internado devido a fortes dores abdominais, tendo-lhe sido diagnosticado um tumor em estado muito avançado. Escreveu-me de imediato: «Digo-te apenas que hoje chorei de alegria, uma alegria que não se pode explicar, mas da qual conheço muito bem as origens. Por uma graça de Deus, estou pronto. Ofereço a minha vida para que a Obra possa resplandecer no seu desígnio».

Alguns meses depois disse-me ainda: «Anteontem fui visitar Enrico (Cestra) ao hospital e renovámos o nosso pacto; Manfred continua a fazê-lo no Céu. Por isso, conta conosco neste ano especial em que a Obra, renovada pelo amor recíproco, dará um passo em frente, decisivo, em direção às suas origens».

Neste período foi acompanhado também pelos seus familiares, que Elio manteve sempre informados, comunicando-lhes como vivia esta doença.

Agradecemos a Deus pela sua vida totalmente em doação. Rezemos e façamos nosso o seu empenho em

contribuir para fazer nascer a santidade coletiva ao nosso redor, para dar vida – como ele gostava de dizer – a «espaços de Paraíso», nos quais o Elio continua a viver.

Obrigado Elio!

Os testemunhos acerca de Elio e o perfil lido no funeral estão disponíveis na Mariapolis online: www.focolare.org/notiziariomariapoli

Zaida Fernandez

«Sorriso de Jesus Abandonado»

A Zaida, focolarina da Espanha chegou à Mariápolis celeste no dia 6 de fevereiro. Tinha 75 anos. Nasceu em Oviedo, cidade do norte do país, e, com a família, foi viver para as Ilhas Canárias. Em 1965, conheceu o Ideal por intermédio de Giò Vernuccio e algumas focolarinas que acompanhavam o padre Peyton na «Cruzada do Rosário». Tocada pela maneira como eles se relacionavam, também ela quis dar a sua vida a Deus.

Em 1966, foi para a escola de formação em Loppiano. De volta a Espanha, contribuiu para a difusão do Ideal, viajando incansavelmente, de comboio ou de carro, até muitas regiões. Muita gente conheceu o Ideal por seu intermédio e testemunha, com gratidão, o seu amor.

A Zaida contribuiu de mil modos



para a construção da Obra: na preparação das Mariápolis, no trabalho pelo ecumenismo, na redação da Cidade Nova, procurando em tudo dar o melhor possível, com discrição e profundidade, para transmitir a novidade do Carisma,

Em 1994, escreveu a Chiara: «Sinto a responsabilidade de ser um instrumento de Jesus no meio para dar a conhecer à humanidade a espiritualidade coletiva, com a novidade que nos fizeste contemplar.

Hoje, Jesus pediu-me um novo “sim” nesta aventura».

Na altura de deixar a sua profissão de professora, passando à reforma, foi-lhe confiado o acompanhamento da causa de beatificação de Luminosa Bavosi - focolarina argentina que foi responsável do Movimento em Espanha - com a qual tinha vivido durante muitos anos. Juntamente com o postulador, Carlo Fusco, a Zaida dedicou-se com paixão a esta tarefa até à entrega de toda a documentação à Congregação da Causa dos Santos. Daquele período, o Carlo recorda: «Muitas vezes a Zaida, ao ler algum episódio da vida de Luminosa ... comovia-se ao recordar uma experiência que, sendo de Deus, permanece para sempre». Este trabalho marcou um novo impulso na sua corrida para a santidade.

Sabia fazer-se um em todas as circunstâncias, era exigente e sincera. E não faltaram os desafios necessários ao seu repetido «sim» a Deus. Em 2002, escreveu a Chiara: «Estive com a minha mãe nos últimos oito anos da sua vida, precisamente quando ela dependia da minha ajuda todos os dias.

Para mim foram anos difíceis, mas foi caminhar na santa Viagem com uma

só ideia, o conselho que me deste: “És Tu, Senhor, o meu único Bem”. Esta é a panaceia». E em 2006: «Desde há algum tempo que tenho um relacionamento especial com Maria, com a Desolada, que tendo Jesus morto nos braços, tem a certeza que Ele é Deus e que a última palavra na vida não é a morte, mas sim a ressurreição».

A sua corrida “acelerou-se” ainda mais durante os dois meses de internamento, motivado pela doença súbita. Deixou de poder falar, todavia conseguia dizer «obrigada» por cada pequena ajuda que recebia. Mas comunicava sobretudo com o seu sorriso que, dizem-nos, fazia sentir a qualidade e o calor do seu amor, como expressão viva do seu nome novo: «Sorriso = sorriso de Jesus Abandonado», que Chiara lhe tinha dado em 1969.

Com a certeza de que aqueles «por Ti», que a Zaida repetia a cada respiração, até ao fim, fizeram crescer a presença de Jesus no meio entre todos e com gratidão pela sua fidelidade, rezemos por ela, unidos sempre no Pacto do amor recíproco.

Matilde Manelli Giardina

Uma mina de humanidade

«Amou não um Deus para si mesma, mas um Deus Pai de



todos. Amor que liga todos e nos faz um!». Foi esta a conclusão da homilia, na Igreja de Santa Maria de Piedigrotta, superlotada, como nos dias de festa, pelas mais variadas pessoas, vindas de muitos lugares. Vieram para saudar Matilde, voluntária de Nápoles que partiu para o Céu, no dia 26 de dezembro de 2013, com a mesma serenidade e simplicidade com que sempre viveu. Nasceu em Nápoles em 1926, numa família de profundas raízes cristãs. Pertencendo desde jovem à FUCI (Federação das universidades católicas) encontrou o Antonio, também ele empenhado naquela mudança da época, que iria resultar no Concílio. Casaram-se em 1954, tiveram cinco filhos e continuaram a sua procura de um cristianismo autêntico.

A casa deles era um ponto de encontro para muita gente.

Foi em 1972, no meio de enorme sofrimento por causa da sexta filha, Emanuela, que nasceu sem vida, que Matilde teve contacto com o Ideal e percebeu de imediato a sua essência: amar sempre, amar a todos. A chamada a tornar-se uma voluntária amadureceu. «A Matilde foi para todos nós uma mina inesgotável de humanidade... ensinou-nos o amor imparável pelos mais pequenos que nos passam ao lado, fez-nos entrar no seu coração e dilatar o nosso». Foi assim que as voluntárias se exprimiram no seu funeral.

Chiara tinha-lhe dado uma Palavra de vida: «Olha que Eu estou à porta e bato» (Ap 3,20) e, durante a sua longa vida, foram muitas as ocasiões para abrir aquela porta!

Em 1984, num acidente, morreu com 21 anos, o quarto filho, Gigi. Apesar do absurdo desta prova, a Matilde manteve a certeza do amor de Deus que se esconde também nesta circunstância, tanto que não quis escrever na necrologia algo que falasse de vida «perdida», mas sim «com 21 anos, Gigi concluiu a sua vida terrena». Também aqui, transmitiu a todos os frutos de uma fé sólida e serena.

Entregou-se sempre generosamente ao serviço da Obra, no Movimento Famílias Novas, com o Antonio. E também como responsável de núcleo, depois como delegada de Humanidade Nova de Nápoles e finalmente como delegada das voluntárias. Conseguiu transmitir a muita gente o seu profundo amor pela sabedoria, a grande paixão pela humanidade e aquela alegria que lhe vinha da certeza de que o Carisma responde plenamente a todas as nossas exigências.

A este respeito, a Fausta, a sua filha focolarina, disse: «O seu grande coração, que não excluía ninguém, que não julgava ninguém, dava-lhe olhos para ver as gotas de amor presentes em qualquer pessoa. E isto agravava-lhe imensamente». Para conhecer a fundo a alma da Matilde, não há nada de melhor do que as poucas palavras pronunciadas pelo filho mais novo, no fim do funeral: «A mãe nunca me explicou nada. Era demasiado humilde e discreta para dar explicações. Foi testemunha viva da doçura e do sorriso, do dar e receber, exemplo na aceitação do sofrimento e no receber a essência das coisas e das pessoas. A mãe nunca me explicou nada, mas ensinou-me tudo o que procuro ser todos os dias».

Maria Rita Cerimele, Fausta Giardina

Resia Picariello

Perseverança até ao fim

No dia 28 de abril de 2013, Resia, voluntária de Avelino (zona de Nápoles), partiu para o Céu, aos 73 anos de idade.

Em 1979 casou com Rino (que partiu para a Mariápolis celeste em 2002) e nesse mesmo ano conheceu o Ideal.

Tiveram dois filhos. A casa deles, na cidade devastada pelo terramoto de 1980, tornou-se centro de recolha das ajudas que a Obra oferecia, aberta aos gen de toda a Itália, que iam dali para socorrer as vítimas do terramoto e levar conforto a muitas pessoas em desespero. Empenhou-se muito no mundo da família: em Famílias Novas, na Associação Famílias de Acolhimento de Avelino, na realidade das Casas de Família, no Conselho Diocesano dos leigos e nos cursos sobre métodos naturais. Com Rino, tomou conta de várias crianças órfãs e, sempre com ele, que era treinador de basquete, contribuiu para a criação de *Sportmeet* na Zona. Em todas as atividades, Resia estava sempre pronta para receber os outros com amor concreto e, mesmo depois da morte de Rino, continuou a dar o seu contributo a esta realidade da Obra, apoiando – entre outras – a criação de instalações desportivas em África.

Seguiu com paixão, amor e muita sabedoria o núcleo da sua cidade.

Depois, quando ficou doente, entregou-se à vontade de Deus, enfrentando com serenidade os muitos e longos tratamentos e os sofrimentos, sem deixar de amar: não estava a «medi-los», para ela eram a subida de mais um degrau para chegar a Ele.

Estar com ela era converter-se ao amor, que tudo espera e tudo transforma.

Chiara tinha-lhe escrito: «... agora segue em frente, com a certeza de que Maria te ajudará a ser coerente com a escolha que fizeste». Escolheu para ela a Palavra de vida: «Quem perseverar até ao fim será salvo» (Mt. 10,22), e acrescentou: «Felicidades, Resia! Que, para a Sua glória, os desígnios de Deus sobre ti se cumpram».

A perseverança acompanhou-a à casa do Pai até ao fim, ajudada pela unidade de Antonietta, a sua irmã e voluntária, pela família e por toda a Obra.

Maria Rita Cerimele



Luís López

Um amor concreto

Luís, voluntário de Córdoba (Espanha) par-

tiu para o Céu no dia 20 de janeiro, aos 83 anos de idade.

Salientava-se na sua vida diária um grande desejo de viver o Evangelho. Esta radicalidade foi consolidada quan-

do conheceu a Pepita, com quem se casou, depois de um verdadeiro namoro cristão. Tiveram a graça de terem tido seis filhos. Em 1975, conheceram ambos o Ideal. A espiritualidade da unidade impregnou a vida de família, em que uma filha é religiosa teresiana e Rafael, outro filho, é focolarino casado. Desde então o empenho de Luis na Obra foi total, com os voluntários, com as famílias e como representante do Movimento na sua Diocese. Todos os meses distribuía cerca de 100 Palavras de vida pelos amigos e em diversas paróquias e congregações religiosas.

Tipógrafo de profissão, fundou, juntamente com outro voluntário, a Cooperativa «Tipografia Católica», em Córdoba, tendo ensinado artes gráficas a muitos operários. Totalmente fiel à vida de núcleo, dizia que não existem desculpas para não participar no encontro semanal. Era conhecida a sua fidelidade na comunhão de bens e das suas experiências concretas. Sofreu a grande prova da morte de um filho e, fisicamente, por uma doença desgastante.

Precisamente no dia do aniversário de casamento, foram celebradas as exéquias que se tornaram num agradecimento a Deus pelo seu grande testemunho de vida.

Toni Torres

Os nossos parentes

Passaram à outra Vida: **Aurora, mãe de Cristina Negro** e **Rita, irmã de Margarida Nobre**, focolarinas no Centro da Obra; **Pius, pai de Montse Capellas** e **Giorgio, irmão de Giuliana (Alanova) Bighignoli**, focolarinas na Mariápolis Romana; **Marisa, mãe de Marco Bartolomei**, focolarino na Mariápolis Romana; **Francesco Camillo Buntham, pai de Bancha Srisujikan**, focolarino em Bangquoque (Tailândia); **Mario, pai de Claudio Amato**, focolarino em Dallas (EUA, Oeste); **João, pai de Zito Lopes** e **Lucia, irmã de Raf Fontana**, focolarinos em Loppiano; **Elizabeth, irmã de Poulien Samsoon**, focolarina no Centro Mariápolis Arnold (Brasil, Sul); **Nair Maria Pazin, mãe de Fátima Célia Iagher**, focolarina na Mariápolis Luminosa (EUA); **Gerda, mãe de Gabi Schelenz**, focolarina no Centro Mariápolis de Zwochau (Alemanha Sul); **Franz, pai de Gudrun Griesmayr**, focolarina na Cidadela Nuova Legge (Ottmaring - Alemanha); **Mario, pai de Eliana (Sevi) Secomandi**, focolarina em Loppiano; **Maria do Carmo, mãe de Maria de Fátima**, focolarina em Trento e de **Maria Isabel Sousa**, focolarina no Centro Mariápolis Arco Iris (Portugal); **Danilo, pai de Brigita (Aster) Eterovic**, focolarina em Mocovo; **Elisabetta, mãe de Vera Hye Sook Lee**, focolarina na Coreia.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Abril de 2014 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Iris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

Meeting Fraternity

O Movimento Humanidade Nova, no âmbito do mundo da Educação, tem estado a promover encontros a nível regional com o título *LearningFraternity* em algumas cidades do país. No dia 26 de janeiro foi no Porto. Estavam presentes cerca de cem pessoas, de várias localidades do Norte. No dia 22 de fevereiro, em Castelo Branco, estavam cerca de cinquenta: professores, alunos e encarregados de educação debruçaram-se sobre o tema "Educar para a fraternidade".

Com um programa intenso e variado, durante a manhã foi apresentada a Pedagogia da Unidade, concretizada através de experiências de professores, catequistas, alunos e famílias. No início da tarde, realizou-se um workshop por localidades: cada grupo teve a oportunidade de comunicar, partilhar e diagnosticar as necessidades educativas da sua comunidade. No plenário que se seguiu, constatou-se que a maior necessidade educativa tem a ver com os relacionamentos. Foram delineadas várias estratégias com vista a implementar projetos locais para construir a fraternidade, que se evidenciou como desígnio da humanidade.

Os encontros terminaram com a apresentação do Pacto Educativo e o convite a subscrevê-lo. São dez pontos que constituem uma metodologia para juntos aprender, ensinar e desenvolver o perfil de construtores de fraternidade.

A 29 de março será a vez de Lisboa.

